

## **Bruno Henriques**

Universidade de Lisboa

**José SASPORTES, *Os Novos Espectros. Romance em 3 Actos*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2011. 110 pp. ISBN: 978-972-20-4664-9**

*Os Novos Espectros. Romance em 3 Actos*. (2011), último livro de José Sasportes (n.1937), é uma ilustração perfeita da tese de Italo Calvino: “um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem por dizer”. Os espectros dos *Espectros* (1881), de Henrik Ibsen, reaparecem e recontam a história que reclamam ser a deles, embora não passem, como na peça do autor norueguês, de personagens. O subtítulo, *Romance em 3 Actos*, qual Penélope, tece, para logo desfazer, a ancoragem genológica, deixando o leitor perplexo perante uma ironia que será encenada através de uma carta (I e II actos), de transcrições de um diário (II acto) e de uma falsa(?) cena (III acto).

Sobre o I acto, como epígrafe, está Pirandello, com as suas *Seis Personagens à Procura de Um Autor*. A pista é uma migalha gigantesca que o leitor não pode ignorar, uma vez que a protagonista destes *Novos Espectros*, Karen Lindberg, o pretexto histórico de Helene Alving, devém texto, ou mais justamente, postexto de si mesma, e endereça uma carta ao seu autor, o Senhor Ibsen e, embora não seja “exactamente a Senhora Alving”, não deixa de se referir a si própria através do nome que o seu pseudocriador inventou para ela. Lidas algumas páginas, apetece perguntar: aqui, quem é afinal a outra? Quem nasceu primeiro: o pré ou pós? Ou em *Novos Espectros* só há textos, quais amantes anacrónicos, que se correspondem por meio de uma ficção científica epistolar? A carta é uma metalepse fingida, através da qual José Sasportes dá corpo à sua diegese, criando uma personagem a partir de uma outra, jogo de espelhos, em que a mulher *histórica* chegará a reivindicar autoridade exegética sobre o seu duplo de papel.

Da literatura *in retro motion* (a carta), chegamos ao diário, ficção assumida, descaradamente, pela epígrafe aloautógrafa de *Peer Gynt* (1867). As curtas entradas dão conta do tempo que antecede o momento em que Karen se torna Helene e de como aquela se confunde, qual espectador ideal, com esta. A meio do segundo acto, cansada da sua tarefa de “autocopista”, Karen/Helene, instalada no seu país do Feaces, “Cristiania, 16 de Dezembro de 1895”, transforma o seu diário numa narração *in medias res* da sua viagem à procura do seu autor, o Senhor Ibsen. Os episódios relatados são uma futuração das heroínas ibsenianas, que, ao invés de acabarem em desgraça, se transformam em sereias e circes sexualmente emancipadas. Há uma intenção de actualizar *a posteriori* o destino de Helene Alving, oferecendo-lhe um novo fado. Infelizmente, a solução não passa de um mero cliché feminista.

No terceiro acto, o autor, o Senhor Ibsen, vai visitar as suas personagens, ou melhor, as personagens que outro, José Sasportes, criou a partir da obra do dramaturgo norueguês. Aparentemente, este é o único acto que pode reivindicar para si este nome, qual peça de teatro, muito ibseniana por sinal, em que as personagens se reúnem à mesa para almoçar. A nota final, “that’s too long for a play”, de um outro dramaturgo, Shakespeare, não deixa, porém, dúvidas: continuamos no domínio do romance e o terceiro acto constitui uma cena narrativa por excelência, em que se tenta, com algum sucesso, a isocronia típica do texto dramático. Dir-me-ão: *a sua recensão é demasiado narratológica*. Eu respondo: *tem toda a razão*. Penso, no entanto, que o romance de Sasportes merece ser lido mais pela sua capacidade de interpelação formal e menos pela originalidade dos enredos ou profundidade psicológica da(s) personagen(s), sombras apagadas dos seus pretextos, literalmente.